



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 492 — Preço 1\$00
19 DE JANEIRO DE 1963

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

COBERTORES

Deus fale na alma ao «Senhor dos Cobertores»! O seu desaparecimento deu lugar ao nosso apelo. E embora nos tenha parecido que clamámos em vão nos anos anteriores — não foi, não senhor. Foi uma pausa de preparação, enquanto não era a hora da enxurrada.

E este ano deu-se a enxurrada. E tal foi ela que, ao novo «Senhor dos Cobertores» — que é uma Senhora — nós damos o recado de que pode destinar a outro fim, se assim quiser, os cinco contos que nos mandou tomando sobre si o título vago e o encargo ainda não assumido.

Eu não conheci o primeiro «Senhor dos Cobertores». Também pouco conheço a sua sucessora, embora lhe saiba o primeiro nome, que muitas vezes e a muitos propósitos tem sido es-

critito, e é e continuará a ser «quanto Nosso Senhor quiser», nas colunas do Famoso.

Mas que gostava muito de a conhecer e lhe falar, um dia — isso sim!

Pois a torrente foi, não destruidora, mas construtiva, como todas as que nascem desta fonte de amor — «O Gaiato». E os cobertores e o dinheiro para eles é o que menos vale e aquece. Agora os anseios de cada coração que ouviu e respondeu...!

200\$00 o «quem pudera substituir o Senhor deles!», de «Uma Amiga sempre ao vosso lado». E outra vez 200\$00 de D. B. — Lisboa.

Agora é Lousada — Fábrica Sotex, com uma pancadaria deles.

De Vale Torno, um cobertor

de lã vermelho, muito lindo, com esta legenda:

«Não é favor, não é esmola: é dever, visto que me sobejam alguns e eu durmo quente. O vosso jornal torna-me um pouco melhor e não posso lê-lo sem chorar ao reconhecer o meu egoísmo».

Que consciência! «Que bom seria se todos os que têm cobertores a mais dessem um aos que têm cobertores a menos!» Que bom seria!

Como estamos no Douro, passamos por Valdigem e recolhemos dois. Um bocadinho abaixo é a Régua e lá mora o assinante 6313. Uma remessa de Comenda—Leste e outra de três cobertores de Loriga, e «assim pago a minha dívida deste ano, que enquanto viva e possa, mandarei sempre os cobertores».

Mais encomendas do assinante 14969; da Av. Miguel Bombarda — Lisboa; não sei de onde «para os Senhores Padres da Rua fazerem o favor de dar a quem e onde quiserem». Ó delicadeza!

Paquetes no Espelho da Moda. Um com este recado a acompanhar:

Envio este cobertor igual ao que comprei para mim, que me disseram ser do mais quentinho que havia no mercado. No entanto, gostaria que me dissesse se faria mais jeito enviar dois, embora mais ordinários. Isto, para eu, para o ano se Deus me der vida e saúde, saber o que convém mais.

Deus nos guarde e nos dê sempre agasalho e com que poder ajudar a agasalhar os que têm menos que nós.

Que beleza! «Igual ao que comprei para mim...» Vêem onde está o calor?! Cobertores são trapos. Corações que querem para o próximo, como para si, «do mais quentinho que havia no mercado», são presenças de Cristo!

Não hesite, pois, o ano que vem e sempre. Um só cobertor, igual ao que comprar para si!

Do Barreiro dois lindos cobertores e este desabafo:

Creia Senhor Padre que «sinto» o frio que eles — os Pobres—passam e peço a Deus que me aqueça a alma para que com o meu pequeno contributo possa aquecer alguns dos muitos que precisam.

Arrepio-me ao lembrar-me de tanta miséria; lembro-me muito dos velhinhos mas mais me lembro dos queridos ino-

África

Diga-se o que convier dizer a cada um em cada momento, ao sabor dos critérios mais relativos e menos universais — é difícil encontrar pessoas com mais consciência dos problemas humanos de África do que os missionários.

Também verificámos (pessoalmente o verificámos) a deferência que geralmente os naturais de côr têm pelo padre. O que significa estima, reconhecimento de que, para além de todas as falhas possíveis à humana fragilidade, também será difícil encontrar por lá quem mais desinteressadamente os ame e os sirva.

É que os missionários foram para ali e lá se consomem ao serviço de um Reino que não é deste Mundo, mas que também não é contra o Mundo, a não ser naquilo em que este é adverso à ordem estabelecida por Deus.

E como a ordem divina define o Reino, como Reino de Verdade e Vida, de Santidade e Graça, de Justiça, Amor e Paz, —espontânea resulta a conclusão de que os homens mais primitivos são os que mais instintiva e fielmente apreendem a certeza de quem os ama e serve com um amor mais espiritual, mais desinteressado dos valores temporais, tanto quanto empenhado na expansão dos valores eternos.

É neste sentido que os missionários são instrumentos singulares de civilização. Não porque estejam ao serviço desta ou daquela civilização, deste ou daquele país! Mas porque servem valores universais, de um plano mais elevado, que contém, justamente, os valores particulares e temporais que, hierarquicamente arrumados, são respeitáveis e de considerar.

Uma anedota verdadeira. Numa estrada, algures no interior de Angola, um cidadão tem uma avaria no seu carro. Chama um natural de côr que por ali aparece. Ele não vem.

Concluiu soberbamente o nosso cidadão: «Não sei o que os missionários estão cá a fazer!» Sim, com certeza que os missionários não estão lá para conduzir ninguém aos carnos empanados numa estrada do mato. Mas muitos julgam e esperam deles algo de semelhante. Enganam-se. E são enganados apenas pelos que, fruto da humana fragilidade, condescendem em servir interesses particulares e temporais, negligenciando ou postergando os direitos universais e eternos da Verdade, da Vida, da Justiça, do Amor, da Paz.

O Reino é a grande realidade que permanecerá, seja qual for a sorte dos reinos, sujeitos ao sopro turbilhonar dos «ventos da História».

Permanecerá, por sobre todas as contradições, por sobre o próprio martírio, porque é Reino da Verdade, da Justiça, do Amor, da Paz — e estes são valores que podem escapar aos sentidos embotados da civilização, mas não fogem à apreensão instintiva e mais pura dos primitivos.

Portanto, melhor sorte não terá nenhum reino dos homens do que procurar com inteligência e sinceridade enquadrar-se nas coordenadas que definem o Reino de Deus.

E nunca os soldados do Reino que são os missionários, servirão melhor a condição temporal dos povos a que se consagraram, do que permanecendo fieis, seja por que preço for, aos valores universais e eternos que são a Verdade, a Vida, a Santidade, a Graça, a Justiça, o Amor, a Paz.

centes que tanto sofrem com este tempo e tanto, tanto que se estraga sem proveito para nada e não se lembram esses corações da muita miséria que há neste mundo de Cristo.

Senhor Padre, sou pobre

mas não me conto como tal porque tenho 3 filhas, meu marido; vivemos do ordenado modesto mas vivemos todos na graça do Senhor. Sinto-me fe-

continua na pág. DOIS

FESTAS

Júlio já saiu à cidade por môr da do Coliseu. E como todos os anos é aquela enchente que os senhores sabem; e aquele lastimar dos que ficaram sem bilhete; mais a pena daqueles pais que não podem levar os filhos com menos de 12 anos por ser à noite o espectáculo — eis que Júlio pensa e anda a ver se me converte a uma matinée de réprise ao fim da tarde de domingo.

Acresce que as obras no Lar do Porto nos levam coiro e cabelo e os fundos andam muito sequinhos. Do que amigo Júlio se serve para me levar a condescender com Festa em Braga e em Viana e em Guimarães, mais em Aveiro. Quer dizer: abrimos ficha no sindicato dos saltimbancos e aí vamos nós correr mundo!

Ora eu, por enquanto, estou muito segurinho. E para já, Festa é no Coliseu.

Mas, no título eu falo em Festas... Então?...

Então... é que Miranda do Corvo não pode faltar a Coimbra, nem o Tojal a Lisboa, nem Setúbal à beira do Sado. E por isso a Festa é festas, quatro pelo menos, nas quatro capitais dos nossos distritos.

E aqui têm os Senhores para hoje.

Devo informar que as três primeiras filhas do Coliseu já estão passadas desde o dia seguinte ao da Festa de 1962.

★ BELEM ★

BARREDO

A Festa da Sagrada Família é a nossa festa de família, como não podia deixar de ser, visto que «Belém» nasceu na noite de Natal e foi consagrada a Jesus, Maria e José.

«Belém» nasceu com Jesus! O dia dum nascimento é sempre de intimidade e recolhimento. Mas logo vem a festa do baptizado, para que se convidam parentes e amigos. Há alegria, parabéns e muitas prendas para o neófito. A mãe de família recebe os convidados o melhor possível. Há mesa farta e melhorada, consoante as possibilidades de cada família.

Há quem festeje o dia do seu baptismo de preferência ao do nascimento e está muito certo, que a alma está acima do corpo, o sobrenatural acima do natural. Quanto a nós, é ponto assente

que se comemore o nascimento e se vá dando cada vez mais realce à nossa festa de Família, em honra e louvor das três pessoas sob cuja protecção «Belém» nasceu, vive e cresce.

Estou certa de que todos os nossos Amigos têm o seu quinhão nesta especial protecção da Sagrada Família, tanto que os associamos muito especialmente a nós na festa desse dia. Eles são os instrumentos da Providência, no desempenho da missão a que «Belém» foi chamada. Sem eles essa missão de salvação ficaria por realizar. Então impossível deixarem de fazer parte integrante da nossa festa de Família, quer materialmente, quer espiritualmente.

Ei-los!

De Vila Nova de Gaia, Maria da Conceição, mil em vale. Ami-

ga de Campo de Besteiros, 100, mais 100.

Sacerdote da Cova da Iria com 200. Gina Maria voltou com 55 mais 55. Maria Manuela com 20 mais 20. Anónimo de Lisboa com 50 mais 50 mais 20. Da Praça de Damão, Lisboa, um cheque de 300 e outro de 500. Desejando as bençãos do Senhor, 100 de uma Operária vimaranense. Maria Cecília e Marido, de Braga, enviaram todas as quotas de Janeiro.

Lili, uma Colega, envia 50 prometendo mandar o mesmo 10 meses seguidos. Da Faniqueira, boa Amiga com 100 mais 50.

Vale de 760 de Lisboa, Av. Du. que de Loulé, 50. Do Casal R. D. de Viseu 50 «para um «miminho» do jantar das belenitas, em dia de N.ª Senhora da Conceição». De Maria Isabel, 50 «para a Casa ou para o que mais precisar».

Vale de 50 de Maria Amélia, «fazendo ardentes votos para que em breve possam ir para a Casa Nova. Se todos os que podem ajudassem, já lá estariam com certeza...»

Maria Teresa, de Coimbra, com 250 e... «Oxalá haja muita gente a acreditar no milagre». De Elvas, 50, com votos de Boas-Festas. «Com votos de que a Obra cresça e prospere sob as bençãos de Deus». 220. Teodoro, de Lisboa, 50 «para ajuda do jantar do Natal das Belenitas».

Luisa, de Lisboa, 20 para as rabanadas. Da mesma terra 50 «para ajuda da Casa Nova» de Maria do Céu. Outro tanto duma Clotilde de Lisboa. Adília Prêsa enviou 500 em vale. 50 de Coimbra agradecendo a Deus uma graça. Do Porto, 40, «uma pequenita gota a engrossar a torrente». 200 de D. B., Lisboa. De Cantanhede 100 acompanhados duma boa carta. 20 «em acção de graças pelos meus 70 anos». Professora de Vila Fernando com 20. Amiga de Serpins, 50. Uma professora de Serpa com 50. Outro tanto de Vila Moreira. Da assinante n.º 18.081, 50, «com desgosto por não poder dar mais».

Mas ainda há mais. Porém, hoje temos de ficar por aqui e cheias de pena por não podermos transcrever muitas das cartas que acompanhavam estes donativos. Palavras de estímulo, de compreensão e carinho, e daremos a certeza de que não estamos sós, de que temos por nós muitos e muitos amigos. Nos dias de festa como nas horas más animamos esta certeza.

Continuará no próximo número esta nota de presenças e então daremos as costumadas contas.

Ainda não mudámos para a Casa Nova. Mas... o que tem de sem ter muita força... Aguardamos que passe a invernia e também que cheguem mais uns contos.

Ben-hajam e... unamo-nos em espírito na Festa da Sagrada Família.

Inês — Belém — VISEU

Na ante-véspera de Natal cumprimos uma obrigação nossa e também a nossa vontade.

Vieram até nós muitos recados para os Pobres do Barredo. Não faltaram as encomendas de roupas; cartas registadas e vales do correio com esta recomendação — para os Pobres do Barredo. E palavras que trazem a marca da preocupação pela sorte deles. É que, graças a Pai Américo, o Barredo conquistou um lugar muito especial no coração e na mente de todos vós. Por isso, se é muito lembrado durante todo o ano, muito mais ainda na quadra de Natal.

E fomos. O nosso Fernando Dias é o «menino bonito» dos Pobres do Barredo. Sabe-nos tão bem ir com ele! Aprendemos tanto indo mais ele! Conhece-os como se fossem membros da sua família. Ama-os como irmãos. Tudo isto sentimos e presenciamos. Porquê? Quem dá por Amor recebe também por Amor. Esta é a regra geral, ainda que primeiro se tenha de dar muito e aparentemente nos pareça nada receber.

Reparei que neste dar muito, neste dar quanto podemos, não estão incluídos apenas bens de ordem material, nem nos queremos referir apenas à quantidade. Pelo contrário. Estamos a falar-vos no plano do Amor, no plano da Caridade. Amor quer dizer doação, entrega. Sem fazer selecção dos bens que damos. Nesta palavra englobamos tudo o que somos capazes de dar. E como o Amor mais tarde ou mais cedo gera Amor, se dermos por

Amor, também receberemos por Amor.

É aqui que vamos encontrar a explicação daquele dito tão frequente de Pai Américo, como que surpreendido, quando ia ver os Pobres dos nossos barredos: «Recebi muito mais do que aquilo que dei».

As vezes, é bem pouco o que damos materialmente — uma magra ajuda que não chega a resolver, por si, o problema. E em troca quanto recebemos?

A certeza do Amor daqueles a quem damos. Aquela velhinha cancerosa, ao sentir-se amada, já perto da morte dizia:

«Quando entrar no céu, a primeira pessoa por quem hei-de pedir é por si».

Quando damos por Amor, recebemos também por Amor.

A Ti Adorinda é um livro vivo. Nunca encontramos aquela mulher triste.

Sofreu muito, quando o marido era vivo. Acompanhou-o com um carinho de esposa extraordinário. Ajudou-o a levar a Cruz até ao fim: «Que hei-de fazer? Sofro muito. Não descanso. Mas ele sofre mais. (Era canceroso). Fomos os dois buscar a Cruz à Igreja no dia do nosso Casamento. Havemos de a levar os dois até ao fim». Que lição! É isto o que recebemos em troca do pouco que damos. Continuamos a descida, pensativos. Era ante-véspera de Natal. Sabíamos de casas fartas. No Barredo encontramos-las vazias.

Demos tão pouco e recebemos tanto dos Pobres do Barredo!

P.e Manuel António

Cobertores

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM

liz, pois as minhas filhas têm que comer, vestir e calçar, são as meninas dos meus olhos e peço a todo o momento a Deus que mas guarde da podridão deste mundo.

Há para aí tanto filósofo à procura da receita da felicidade!... Quem dera que das mais altas tribunas o Mundo ouvisse esta lição de Mestre!

Agora é Algés que tem a palavra. Manda mil e desculpas pelos seus atrasos de contas. E mais este testemunho: «Quando digo eu, refiro-me também a minha Mulher, visto que, com a benção do Senhor, formamos uma só Alma e nunca esquecemos a alma de Pai Américo».

Fala agora uma Fábrica da Vila das Aves, ansiosa de que muitas outras a acompanhassem neste cortejo. E sugere:

São poucos os que posso enviar e gostaria de ser mais generoso, mas tenho de atender aos Pobres desta Vila das Aves e do seu Patronato, — e sou um pequeno industrial. Lembro-me, porém, que V. Rev.ª poderia ser melhor recompensado, dirigindo o seu apelo aos industriais dos concelhos de S. Tirso, Guimarães e Famalicão onde existem fábricas que fabricam milhares de cobertores anualmente, e quase que posso garantir a V. Rev.ª que seria atendido.

Geralmente, os grandes industriais têm o tempo muito ocupado para ouvirem estes pedidos. Mas Deus é grande e infinita a Sua Misericórdia: Ele vai multiplicando as migalhas dos pequenos!

E terminamos com outra feliz notícia que anda a par com a primeira, o aparecimento de novo «Senhor dos Cobertores». Ora leiam, por favor:

Encarrega-nos a Ex.ma Viúva do nosso saudoso Sócio-fundador, de vir participar a V. Ex.as que se encontram aqui, à disposição dessa Obra, alguns Chafes que a mesma Senhora oferece para os vossos Pobres.

Podem contar com eles, sem ser preciso estarem à espera do novo «Senhor dos Cobertores».

Queiram informar-nos para onde devemos despachá-los ou se pretendem procurá-los no n.º armazém.

Ainda por cima não foi só a Senhora. A firma também entrou. E um outro sócio, também. De modo que trouxemos 26 chafes, dos tais que servem para todas as horas!

Senhor P.e Manuel, Fernando Dias, os nossos vicentinos, vão-lhes dando destino. E tanto para eles, como para os contemplados tem sido uma consoladela!

Filhos de Pai incógnito

O Natal veio, este ano, para nós, mais vivo do que nunca. Um presépio bem vivo e bem real, veio ampliar a imagem do que já era a nossa casa. Nunca sob esta epígrafe se falou em «anedotas», nem os casos que temos aqui apresentados foram inventados. São factos palpáveis, ao alcance dos nossos olhos. Fazem doer e são motivo até de escândalo, para alguns mal intencionados que nos lêem. Aqui têm mais uma «peça teatral»... E digam se é «monotonia»:

Chama-se César. Tem quatro meses. É hoje o nosso Bêbé. É o nosso rebento duma mulher que não tem marido. Os filhos são todos, um de cada pecado. Ela sem juízo. Eles, os «pais incógnitos», saboreando a desdita da Pobre, e prontos, sempre prontos e capazes de repetir novas fraquezas e criar mais demências.

O nosso Bêbé nasceu «sem pai». A Mãe teve que ser internada no hospital. E a criança foi tirada ao regaço ma-

terno e veio ter a nossa casa, marcada com o sinal de injustiça degradante. A maioria dos habitantes das nossas casas são destes filhos de ninguém; trazem consigo este selo.

E vamos deixando correr, quando não somos dos que facilitamos e fervorosamente defendemos esta falta social que a fraqueza humana constrói e as leis dos homens permitem. Hoje, não nos importamos de acautelar segundo a Justiça estes pequeninos que nascem «sem» pai. E amanhã, se eles prevaricam, não lhes vás dizer que faltaram à lei. Aquele que nasceu na injustiça, sentirá o vazio e nunca compreenderá porque lhe pedem contas se as não pediram a quem lhe deu a vida natural e a não amparou no seu crescer. Ele dirá que os homens julgam pelo critério relativo da conveniência; e não pelo absoluto do AMOR e da JUSTIÇA. E nós sentimos isto e não va-

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

A CONSOADA — Foi como habitualmente, graças a Deus. Ele batatas e bacalhau, azeite e açúcar e uma regueija tentadora. Além disso, distribuímos, também, roupas sem conta. Sobre tudo chales e cobertores, que o frio tem sido de enregelar. Seguiu tu-

do na furgoneta e, muito caladinhos, batemos a todas as portas, que se abriram e onde fomos recebidos de sorriso nos lábios. Ele haverá sorriso melhor que o do Pobre, vendo-se amado e consolado?

Nós julgamos, aos bodos, aos bodozinhos apregoados em vários tons e nos cartazes mais espectaculares. Sim; o mundo gosta dos Pobres em linha — perante assistência

à farta — esperando o senhor ou senhora fulaninha de tal, convidados prá distribuição. Uma humilhação de que se não dá já. Rotina de velhos conceitos — que deturpam a Nova Lei.

do Alfredo que é o melhor, mais bonito, mais meigo, mais tudo, do concelho de Penafiel. Ainda agora, no recreio da escola, estão todos reunidos ao pé da sacristia da capela. Como se dão



PELAS CASAS DO GAIATO

E que humilham. Sobretudo os Pobres!

O QUE RECEBEMOS — Foi uma inundação, graças a Deus. Pois o envelope até rebentou! Vamos lá dar nota das presenças:

Abre a assinante 7487, com 100\$00. Depois, o 27582, do Porto, com «mais 100\$00 para um chaile para agasalhar uma velhinha da Conferência». O que jeito eles fizeram, prezado amigo! Metade de Espinho. E 10\$00 da assinante 12751. E mais 30\$00 da R. Diogo Couto — Gaia. Outra vez Espinho, 20\$00, de um Amigo da Rua 18. Lisboa não quer perder os loiros e segue com 40\$00 pró «Natal dos vossos Pobres». São da Av. 5 d'Outubro. Mais Lisboa, com metade «para ajudar a pagar a (nossa) dívida». É um anónimo da R. Tenente Ferreira Durão. Do Funchal, 40\$00. Entregue aos cicrones da nossa Aldeia, 130\$00. Uma funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques com a «anigalha mensal». Quem nos dera muitas! E a procissão continua com 41\$00 de um cliente muito amigo da nossa Tipografia. Ele sabe que nós precisamos de muito trabalho para os nossos rapazes. Mais Lisboa «para uma família necessitada e que essa pequena esmola contribua para um Natal melhor». Um salto à capital do Norte e temos a «Viúva do Porteiro» com 20\$00, por alma de seu querido Marido. Aveiro aparece, também, assiduamente. Hoje, pela mão da assinante 9930, com «100\$00 para aquisição de qualquer agasalho de Ordins, destinado a um Pobre. São apenas algumas migalhas que reunidas a muitas outras fazem algum pão». E fazem! Fazem, sim, minha Senhora. Mais Lisboa, com 20\$00 da assinante 17740, «pelo eterno descanso da minha querida Mãe». Que Deus nos ouça. E obrigado pelas saudações dirigidas à minha prole, que é já de 4. São quatro rapazes. E todos bons, graças a Deus. «Uma Alentejana», entre várias entregas feitas no Espelho da Moda — o nosso depósito na cidade do Porto — beneficiou a nossa Conferência com 100\$00. Eu também sou alentejano! E ninguém diga mal do nosso Alentejo. A persistente assinante 17022 aparece com os 40\$00 do costume. E diz que «os tantos Pobres de ao pé da porta, não me fazem esquecer estes nossos irmãos do «Gaiato». Muito obrigado. Finalmente, dum grande amigo da Beira tropical, recebemos 100\$00 «que me sobraram à última hora e aqui me não servem. Podem aproveitá-los nos seus Pobres». Pois chegaram, mesmo, numa ótima ocasião. A consoada desfalcou imenso a magra e deficitária bolsa da nossa Conferência.

Para todos, o nosso muito obrigado. E que Deus lhes pague.

JULIO MENDES

PAÇO DE SOUSA

PARÓDIA. É verdade. Outro nome não se pode dar ao facto. Autores: Sepadre Carlos e Américo! Vítima: Sepadre Manuel — sempre ele!!!

Vinha cá um casal muito amigo, que à nossa obra está ligado pelo coração. O nome do esposo é igual ao de um Ministro. Daí a confusão... e o azar! Sepadre Manuel até vestiu a batina nova e nada...

— Mas temos de arranjar qualquer coisa para comerem, valha-me Deus...

— Não vale a pena. O «Senhor Ministro» gosta de provar o caldo da rapaziada... portanto...

— Vou-me já arranjar que estou uma vergonha! (Era hora do almoço e encontrava-se na cozinha, de avental).

— Não demores muito que ele deve estar a chegar...

Que diz a isto o amigo e atento leitor?

Que a Casa do Gaiato é a mais alegre do mundo!...

Pois...

GATOS. Os gaiatos e eles e eles e os gaiatos! ELES+eles: TUDO! O gato

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A VOZ DOS LEITORES — Tem a palavra uma leitora de Albarragem (Rio de Mouro):

«Venho pedir-lhe o favor de me inscreverem como assinante do vosso Jornal «O Gaiato».

Sou do Porto e estava habituada à sua leitura, pois na minha terra «O Gaiato» entra em quase todas as casas. Desde que aqui me encontro só leio o vosso Jornal quando vou a férias, o que apenas acontece duas vezes por ano. Como aqui é um pouco longe de Lisboa, não tenho possibilidade de o adquirir e para não me ver privada da sua leitura resolvi inscrever-me como assinante».

Em poucas palavras diz muito! «Sou do Porto...» Realmente, onde houver um tripeiro ou tripeira está «O Gaiato». Por isso, aquela afirmação de Pai Américo — já de há tantos anos — permanece tão viva como naquela maré: «Ai, Porto, Porto, quão tarde te conheci!»

PORTO/LISBOA — Nem o frio, nem a chuva, arrefeceram os senhores da capital maiolos da Invicta!

Entre os devotos da cidade do Porto explica-se um desta forma:

«Costumo ler quase sempre «O Gaiato». Para acabar com o quase desejava passar a ser assinante, para o que junto um vale de correio com a quantia referente a 1963».

Muito bem! Eu sei, de facto, que há muitos desta marca. Há, sim senhor. E quem sabe se, por mor deste, outros resolvem acabar com o quase...? Esperamos que sim.

A Capital, como é natural, gosta muito de enfileirar ao lado da Invicta. E não há dúvida que, a pouco e pouco, vai aumentando o seu número de dedicados amigos do Famoso. Aqui vai o teste-

mos chamar pró banco os verdadeiros réus. Um homem e uma mulher que roubam seu semelhante, são réus. E que roubo maior há do que este, o de enfraquecer a moral dum povo, e roubar o direito, que todos temos, à paternidade? Aquela mulher demente que foi internada no hospital, mais o filho de quatro meses, agora o nosso Bêbé, são os protagonistas desta «peça». O Autor, esse, anda muito escondido e desencansado, porque tem o caminho aberto para «escrever» novas tragédias.

Era tão bom pôr trancas nestas portas sempre abertas pró mal! Estes inocentes clamam por Amor e Justiça. E amanhã, são eles a pedirem-nos contas.

Ernesto Pinto

munho de um deles, Professor liceal, muito interessado nesta cruzada:

«Prá Campanha d'Assinaturas segue mais uma assinante e esta das firmes e interessadas. Tenho-lhe emprestado o meu jornal. Conto que o próximo seja o da assinatura dela...».

E é mesmo. Seguiu logo — por via de não arrefecer o entusiasmo.

DO MINHO AO ALGARVE — Ó procissão! Tão longa que, por força, temos de a resumir.

Atenção a Bário (Alcobaça):

«Não sou rico, e apesar de o vosso querido jornal já vir para a minha casa, para a minha irmã, pesa-me a consciência de não ser também seu assinante, quando afinal uma pequena migalha de 30\$00 anuais representam tão pouco e podem ajudar alguma coisa numa obra como a vossa. É que, gasta-se tanto dinheiro inutilmente...».

Um vanguardista — cuja lição deve ser aproveitada por todos, pobres e ricos.

A seguir, temos gente fresca de Coimbra, cuja presença muito nos agrada. Mais Ilhavo e S. Pedro da Cova; Vilar (Cadaval) e Lourinhã; Bucelas e Vilarinho (Livrção) que «não pode comprar o Famoso aos rapazes, por aqui ser uma aldeia onde eles nunca vêm».

Mais Figueira da Foz, Vila Nova de Gaia, Nazaré, Fátima, Castelo da Maia e Dafundo também deseja «mais uma assinatura para a minha netinha». Nós rejubilamos com a presença da Juventude — uma certeza de continuidade.

Mais Tentugal e Póvoa de Passos de Mato (Macieira de Cambra); Colmeal e Seixal; Marinha Grande e Carreiras (Portalegre): «Tenho arranjado algumas assinaturas, mas, embora poucas, são boas». Eis o que interessa! Que sejam boas. De contrário, não vale a pena. Entendido?

Agora, temos Alcábidex, Gião (Vila da Feira), Feiteira e Vendas de Grijó (Argoncilhe); mais Olival-Basto, Fanhões, Oeste-Vilar, Loriga e Alhandra;

«Muito se precisa de ler o vosso Jornal. Só o que não compreendo é a razão que os senhores só o publicam de quinze em quinze dias, pois nós num momento lemos aquilo que por tanto esperamos».

Um desejo de ontem, de hoje, de sempre! Um desejo que apaixonada. Mas... ó «desorganização organizada»!...

Finalmente, várias presenças do Instituto de Odivelas, onde o Famoso, desde os primeiros tempos, tem sido companheiro ideal e proveitoso de muitas das suas alunas.

Júlio Mendes

bem, como se estimam, como se amam! É verdade, é exacto, só por isso, os gatos eram precisos dentro de nossas portas...

TRABALHO. Além da GUÉRIN (Porto), L.da — que continua com as suas grandes remessas — temos a registar a simpática presença de Lordelo e Rebordosa e de mais terras que acorreram à chamada e têm ficado satisfeitos com os serviços aqui executados. Nós bem precisamos, pra que as máquinas andem, as mãos se ocupem, e a alegria brilhe em nossos corações. Mandem todos, sempre e muito, que os homens que se estão fazendo, vão agradecer muito quando amanhã começarem a vencer. Muito obrigado.

d a n i e l

SETUBAL

S. O. S. — Precisamos de trabalho para as nossas oficinas de Alfaiataria, Sapataria, Marcenaria e Carpintaria. Nós somos uma Sociedade sem anonimato, cujo capital é o rapaz. Ele na formação moral, ele na profissional. Nós queremos que os nossos rapazes, quando enfrentarem a sociedade, tenham com que trabalhar, para não serem o lixo que eram dantes. Não basta dizer ao rapaz o amor que deve ao próximo. É preciso dar-lhe armas para ele lutar. Ora, o trabalho é uma arma que nas nossas Casas é base. Esperamos que venhas por amor ao AMOR. Os nossos lucros, são o rapaz, naquilo que ele possa aprender. Vem.

— O inverno foi ó léu, toda a pobreza dos Pobres. Nestes últimos dias, têm vindo muitos rapazes prá nossa casa. Vieram sem tão pouco sabermos se havia camas prós deitar. À noite, fomos por elas às camaratas, e tudo ocupado. A Senhora da rouparia, fala do que lhe diz respeito.

Senhor Padre Acilio, tem os bolsos vazios... E vós o que dizeis desta regra onde não existe a «lotação»?

CARNE — Os Senhores da fiscalização, de volta e meia aí estão a baterem à porta. Têm-nos dado tanto remedeio! A Justiça, quando é, nunca dá um passo, que não ande junta à Caridade.

Ernesto Pinto

MIRANDA

NATAL — A festa repete-se cada ano no calendário. Outro tanto não direi na alma de cada um. Se a alma é grande não sofre repetições. O Natal é a Festa da Família. Cada ano é uma «festa» especial. Isto mesmo é o que a gente sente ao chegar a Nossa Casa, cada ano, neste dia. Presença de filhos que vivem já sob outros tectos — presenças físicas; presenças morais em escolhidos cartões de boas-festas

UMA VISITA

Ainda que já contemos com ela, de tão habituados, a permanência de uma tal delicadeza nas primícias de cada ano tem sempre um sabor renovado.

No dia 1 de Janeiro, à hora da nossa Missa, o casal aí está. A sua prece para o Ano-Novo coincide com a acção de graças pelo que passou. E o sinal de uma e de outra deixam-no ao partir: um envelope discretamente poisado em nossas mãos. São duas casas do Património dos Pobres.

A nós não nos espanta o progresso quase vertical da Empresa que este casal dirige. Não é a quantia que nos traz para os Pobres; é o gesto, a intenção — a delicadeza com que sublima, no princípio e no fim de cada «etape», uma vida de negócios. Estará, aqui talvez, a explicação de tamanha fecundidade.

António Ferreira da Silva

TOJAL

ROUPAS — Precisamos de roupas e agasalhos. Tem sido um frio cá pelo sul... que nem calculam. E temos os Pobres. Eles hatem todos os dias às portas, a pedir. Por enquanto não temos. Só depois podemos dar se os nossos leitores nos lerem e atenderem. Esperamos que sim.

AMIGOS — Queremos agradecer ao Sr. Rui Pereira d'Almeida a sua visita mensal. Eu chamo-lhe desobriga. Porque vem desobrigar-se. Muito nos tem alegrado. Por tudo, o nosso muito obrigado.

PEDIDOS — O nosso chefe ainda não recebeu o relógio que pediu. Ele chega sempre atrasado à oficina... vejam os leitores o mal que podem remediar... E por falar em relógios, a Tipografia precisava dum. Aqui neste ponto, tem a palavra a «Reguladora» tão conhecida em Paço de Sousa... Parece que já estou a ver um relógio na Tipografia. Quem nos dera.

Nada mais por hoje, se não o Sr. P.e Carlos não deixa sair a crónica, que já vai atrazada.

Um muito obrigado para todos, do

Candido Pereira



Quem abre hoje esta coluna «é uma mãe de Sever do Vouga» com 500\$00 discretamente escondidos nestas palavras inflamadas — «Faz-nos sofrer benêficamente saber como, há tanta dor junto de nós, que tentamos não ver. Procuramos quase sempre afastar os olhos daquilo que nos agita e inquieta a consciência, tantas vezes comodamente adormecida. Dê-nos, pois, notícias do Calvário. Beijamos muito ternos de minha filha Terezinha, para os doentes». Esta mãe quer sofrer, porque a dor dos outros lhe é benéfica. E mais: quer que a filha aprenda já a mesma lição, guiando-a para os doentes nos beijos que lhe faz mandar. Se não encaminhamos nossos passos para verdadeira comunhão com os mais, caímos fatalmente no egoísmo, e em todos os males que neste enraizam. Onde está esta doutrina? — No Evangelho. Há quem a viva! Há quem a ensine, ensinando a beijar o próximo, nas suas chagas!

A Rosária é objecto de muito carinho. Manuela de Lisboa, com toda a família, resolveu enviar mensalmente 100\$ por via do que soube da Rosá-

ria. Para esta mais 100\$00 da Granja. Metade do Porto. Outro tanto de Tomar. De L. V. 20\$00. Júlia, das Caldas, 30\$00.

Maria Elvira está aqui com 200\$00, fruto de renúncia a um vestido! Quem se atreve hoje a proceder assim? — Não, que o mundo ri-se. — Deixa-o rir, que ele é tolo! Não sabe que a grandeza da alma vale mais que os enfeites do corpo!

Senhora da capital com repetidas presenças «para os nossos irmãos do Calvário». Em hora de aflição pela saúde da esposa, velho amigo entregamos 500\$00. Doente sem cura, 70\$00. Humilde portuense 100\$ de cada vez, e são muitas. Bertha com 70\$00. Idalina, 100\$00 e 200\$00 doutra vez. Sacerdote 500\$00. Senhora do Porto, 40 dollars. Viúva 250\$00. Esta mãe vem com 150\$00 no aniversário da filha. Emília de Lisboa com mil, e a amizade de sempre. Como gostei de ver esta senhora, aqui, em visita propositada, vinda da capital! O amor atira connosco para muito longe! Elaine com 250\$. Médica com 100\$00. Inês de Espinho 600\$00. Georgina com bolo-rei em véspera de Natal. Que bem soube! Advogado



A Senhora Ermelinda no seu «Automóvel». É uma das jóias que avaramente guardamos no Calvário de Beire!

com 100\$00. Peccator com 60\$. Outra velha amiga, a senhora dos rebugados, com eles, e com muitas camisolas feitas por suas mãos, que traziam ainda mais 200\$00. António com 100\$. Mário, do Verbo Divino, com 500\$00. Isaura com 100\$00 e Antonieta com outro tanto, mais um agazalho para o Zêzito. Júlia com 50\$00. M. do Resgate com 500\$00, pedindo orações pela filha. Doente para doentes com o seu costumado óbulo. Professor primário deseja vir todos os meses. José do Porto com 100\$00. Mãe atribulada com 60\$00. Doadora de sangue com 20\$00 mensais. Peçadora assinante com 40\$00. Liberdade com 200\$00. Beatriz com metade. Maria da Anunciação com 500\$00 «para que Deus me ajude a viver em perfeita submissão à Sua Vontade».

Visitas em parcelas diversas deixaram 630\$00. Donativos que não sabemos identificar, somam 2.330\$00.

Roupa tem chegado muita. Temos repartido com os Pobres, que o frio aperta e eles tremem com ele. Recebemos esmolas para sufrágio, 100\$00 e 200\$00 e mil. Alguém veio trazer promessas de 300\$00.

P.e Horácio entregou-me 2.500\$. P.e José Maria, 1.620\$ de donativos. Senhores da Murtosa com um rádio e 500\$00, e que rico champa-nhe!

«Portuense qualquer» com os habituais 20\$00. Avelino com 50\$00. Avô, muito amigo do neto, vai em 23 prestações, correspondentes aos meses que este tem. Sacerdote com 50\$00. Assinante com o excedente ao pagamento do jornal. Anónimo de Braga, da C. G. D. é presença mensal.

Quatro garotos de Oeiras com 20\$, fruto de brincadeira em prol dos Pobres doentes. Mãe de um com 80\$00.

No dia de anos, senhor do Porto com 300\$00. Pelas melhoras da esposa, o mesmo senhor torna em romagem com outro tanto. Grupo de enfermeiras com 150\$00, e grande desejo de saber como isto é.

Oferta, repetida, de 50\$00. No Lar a mesma quantia. Donativo de 700\$00 e outro de 800\$00. Ordenado inteiro, vindo de Coimbra, 1.494\$40. De Lisboa 100\$00. Migalha de 50\$00. De Setúbal o dobro. Do Barreiro, Maria com mil, muito escondidos. De Viseu 100\$00. Tabaco com 100\$00! «Óbulo da viúva» deitado por visita que despeja a carteira com alguns escudos. Por alma de dois Josés, 50\$00. Antes de partir para férias alguém vem com 300\$00. Para a doente que estava só, 50\$00. Pelo êxito dos exames dos filhos, 200\$, de Rio Tinto 100\$ e o «desejo de que outros também abram o coração». Mais três prestações da «nossa promessa», 150\$. Mais um donativo «por ter obtido emprego».

Avô de muitos netos vem com 500\$00. Senhora do Porto — Porto há só um, quem o não conhece? — vem com as economias da criada falecida, 1.650\$00. E logo que nos seja possível continuamos que o caudal não se extingue.

Padre Baptista

VISADO PELA

Comissão de Censura

AUTO CONSTRUÇÃO

O presépio disse-nos que Jesus veio. Podia, desde toda a eternidade, escolher outra maneira. Mas não. Veio. O Evangelho, lido com atenção, diz-nos que o Mestre não passou a sua vida pública, instalado, a esperar que os outros viessem. Muito ao contrário. Ele ia. O apóstolo vai, tem necessidade de ir; quando descansa é para, depois, ir; quando se alimenta é para bem caminhar; quando regressa é só para preparar de novo a partida. O apóstolo prefere ir à igreja a ter uma capela em casa. Vai à casa do Pobre e não espera que este lhe bata à sua porta. O bom pastor conhece as suas ovelhas, conhece os caminhos do seu território. Vai. Os nossos santos gostaram de ir: S. António, S. João de Deus, S. João de Brito, S. Francisco Xavier, Fr. Bartolomeu dos Mártires, o Padre Cruz, o Padre Américo. Os nossos heróis nunca temeram partir: D. Vasco da Gama, D. Henrique, Pedro Álvares Cabral, D. Afonso de Albuquerque, Gago Coutinho, Sacadura, para apenas citar muito poucos. Fomos grandes, quando não tivemos medo nem preguiça de ir. O pastor, a quem as ovelhas pertencem, acompanha-as, vai, procura novas pastagens, leva-as à pastagem mais viçosa e aos regatos de águas mais puras. O bom lavrador não passa a vida em sua casa, não dorme muito, não se aborrece a matar o tempo. Não. Vai, logo de manhã, quanta vez ainda alumiado pelas estrelas. Percorre os seus campos, de ponta a ponta. Vê as árvores, os animais e percorre as searas. A pé, ou em carro de bois, ou a cavalo, ou de tractor, o bom lavrador vai. Conhece tão bem as suas propriedades como a sua própria moradia. Quem quer que seja precisa de ir. E precisa de ir para não falar de cor, para ver as dificuldades, para saber mandar, para ser justo e compreensivo, para saber quanto custa a vida, quanto demora o serviço, como se gasta o material, como e quanto se cansam os seus empregados, como suam os seus trabalhadores. Quem não vai não sabe e quem não sabe não é justo. Quem não vai julga ter o segredo de tudo, as receitas infalíveis. Está à beira do orgulho, a maior desgraça (diríamos a única desgraça) do homem. Jesus veio para o homem ir. Ir cavar a terra com alegria e confiança. Ir visitar o seu irmão pobre e doente. Ir levar o Evangelho ao pagão. Ir à procura da ovelha que se perdeu. Ir levar uma palavra de alento a um triste ou desesperado. Ir à cadeia onde o criminoso passa a maior parte do tempo a contar os dias, ou os meses, ou os anos. Ir ao cimo da montanha onde o ar é mais puro. Ir vasto mar dentro a ouvir a voz que pode ser da imensidão ou da insegurança.

Padre Fonseca

Um Bilhar

Já há anos pedimos e fomos atendidos. Tão bem que, em vez de um, vieram quatro; e pudemos prover Setúbal e Miranda e Paço de Sousa. Falta o Tojal. Falta Beire. (Talvez até que ele constituísse passatempo agradável para os doentes do Calvário!...) E falta, agora, o Lar do Porto. Ele anda em obras há meses, como já deu fé todo o viajante pela Rua D. João IV. Onde era um sótão há agora um andar e a casa está toda escacharola, na afectivação peculiar do povinho das nossas Casas.

O que está feito tem dado que suar e esgotou-nos todas as reservas. Ainda falta muito até aos últimos acabamentos... Mas, como é melhor não guardar para amanhã o que já pode ser hoje, eis-me a falar no recheio do Lar. São camas e colchoaria novas, que o que lá há já não tem conserto. É uma mobília para a nossa sala. Quadros para adornar as paredes. E a parte de leão vai ser a cozinha, onde há que reformar o fogão e parte do trem da dita e onde fazia jeito um frigorífico à medida de uma família numerosa—30 pessoas.

E o bilhar? Esse vinha mesmo certinho para a sala de jogos, de onde eu muito queria desviar para outra dependência, na cave, os deles mais barulhentos, como é o ping-pong e, sobretudo, o futebol de bonecos.

Vamos a ver quem chama por nós...

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.